

A VIOLÊNCIA ESCOLAR E A ELEVAÇÃO DA CRIMINALIDADE URBANA

SCHOOL VIOLENCE AND THE RISE OF URBAN CRIMINALITY

Maria da Conceição Rocha Alves 1
Katiussia Cristina Oliveira Rosa 2
Marcus Vinícius Moreira Barbosa 3

Resumo: O estudo discute a violência escolar e a elevação da criminalidade urbana. Pensar sobre a violência escolar e sua interlocução, com o elevado índice de criminalidade urbana, traz questões válidas para análise. O objetivo é apresentar vertentes ideológicas e refletir sobre a temática, sem a pretensão de tirar conclusões pragmáticas. O estudo centra-se nos conceitos básicos da violência para depois desdobrar-se na questão escolar e no aumento da criminalidade urbana. É uma pesquisa bibliográfica, relatando assertivas e contradições expressas por autoridades do assunto, que argumentam especificidades da violência nos dias atuais. Demonstra-se que a violência tem uma raiz de difícil identificação, e os enfrentamentos propostos a ela se tornam ineficazes, pois o seu foco inicial não foi descoberto. Contudo, medidas conjuntas entre o poder público e a sociedade civil organizada pode mitigar os prejuízos causados por este mal e que afeta as diversas classes da população humana.
Palavras-chave: Escola. Agressões. Sociedade.

Abstract: The study discusses school violence and the rise of urban crime. Thinking about school violence and its interlocution, with the high rate of urban crime, brings valid questions for analysis. The objective is to present ideological aspects and reflect on the theme, without the pretension of drawing pragmatic conclusions. The study focuses on the basic concepts of violence and then explores the issue of schooling and increasing urban crime. It is a bibliographical research, reporting assertions and contradictions expressed by authorities of the subject, who argue specificities of the violence in the present days. It is demonstrated that violence has a root of difficult identification, and the confrontations proposed to it become ineffective, because its initial focus was not discovered. However, joint measures between the public power and organized civil society can mitigate the harm caused by this evil and affect the various classes of the human population.

Keywords: School. Aggressions. Society.

Pós-graduanda em Educação, Sociedade e Violência pela
Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: mcrochaalves@gmail.com **1**

Pós-graduanda em Educação, Sociedade e Violência pela
Universidade Estadual do Tocantins.
E-mail: irmakatiussia@hotmail.com **2**

Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade
Federal do Tocantins (2009), mestrado em Ecologia pela Universidade
Federal do Tocantins (2012) e doutorando em Biodiversidade e
Biotecnologia pela Rede-Bionorte (UFAM/UFT). Atualmente é professor
adjunto do ITPAC-Porto Nacional, ministrando aulas nos cursos de
Agronomia, Odontologia e Enfermagem. Atualmente é professor da
Universidade Estadual do Tocantins. E-mail: marcus.mb@unitins.br **3**

Introdução

Debater sobre a violência é algo que se tornou constante, poderia dizer que faz parte, infelizmente, do cotidiano, uma vez que todos sempre têm algo a dizer sobre ela. Na verdade, nos últimos tempos, ela tem sido protagonista de muitas conversas formais e informais, notícia de destaque nos maiores veículos de mídia, redes sociais, enfim, é algo presente na sociedade e que incita momentos de diálogos. Diante deste quadro, é plausível refletir: Por que tem aumentado a criminalidade? Qual a faixa etária mais atingida e envolvida neste crescimento? Que classe social sente mais o impacto de suas consequências? E a escola, como está inserida neste contexto, uma vez que é reflexo do que ocorre na sociedade?

Sem a pretensão de dá respostas, nem mesmo receitas salvadoras no combate e enfrentamento do aumento da violência na sociedade, este trabalho tem como objetivo apenas refletir sobre o tema e contribuir, dentro dos limites teóricos, com outros estudos. Estes, por sua vez, são relevantes principalmente após a os inúmeros casos de violência que ultimamente têm ocorrido nos diversos âmbitos da sociedade, e que têm promovido debates, fazendo parte da agenda de governo de vários países, inclusive no Brasil.

Para isso, adotou-se como metodologia, uma revisão bibliográfica através de consultas em artigos científicos e de revisão que tratam e discutem sobre o tema. A estrutura do estudo contará inicialmente em desvendar, os conceitos básicos sobre violências, e em seguida desdobra-se para os reflexos desta violência dentro dos muros das instituições de ensino, finalizando com considerações relevantes a cerca do tema. Vale ressaltar que aqui o termo violência será tratado no sentido de criminalidade, pois entendemos ser o mais apropriado.

Violência e suas Múltiplas Faces

Partindo do entendimento de que a violência é um fenômeno multifacetado, isto é, tem inúmeras formas e peculiaridades, é preciso delinear alguns apontamentos iniciais acerca dela. Assim, traremos inicialmente alguns conceitos básicos, para só depois tecer reflexões sobre as multifaces e suas apresentações na sociedade focando em uma análise mais filosófica.

Principais Conceitos

Segundo Paviani (2016) o termo violência tem origem na palavra no latim “*violentia*”, que significa “*veemência, impetuosidade*”, expressando o ato de violar outro ou a si mesmo. Suas características podem variar no tempo e espaço, entre os padrões culturais de cada sociedade e época, configurando-se em natural e artificial, conforme sinaliza o autor. Sobre o aspecto da violência em seu natural, o autor afirma ser esta forma própria de todos os seres humanos, logo ninguém está isento de sentir. Enquanto que a artificial, na maioria das vezes, significa o “*excesso de força de um sobre os outros*”, neste caso existem vários elementos que podem potencializar a violência. E prossegue o autor:

O termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários a liberdade e a vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016:8).

Contudo, dando destaque as situações pelas quais ocorrem a violência, a Organização Mundial da Saúde (OMS)¹, sem se preocupar com definição e conceito, traz três elementos válidos para análise: a relação de poder, o dano e intencionalidade, todos com impacto direto sobre a saúde holística dos envolvidos na violência. Quanto a relação de poder, a violência ocorre quando um mais forte agride o mais fraco, podendo se manifestar em forma de coerção física ou psicológica, compreende-se que em toda situação de violência está imbuída uma relação de poder. Já o dano acontece quando um agente provoca danos a outrem, podendo este dano ser físico psicológico ou sexual. E por fim, a intencionalidade, que parte do entendimento de que para existir a violência é

necessário que haja intencionalidade de provocar o dano. (DAHLBERG, 2002)

Marilena Chauí, estudiosa sobre violência, contribui com o debate classificando a violência como uma “coisificação do outro”. Seus estudos destacam uma intrínseca ligação entre violência e ética (Chauí, 2011). Além disso, afirma que a palavra originária da violência seja “desprezíveis” (força), cujo significado divide-se em cinco pontos básicos, a saber:

- 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar);
- 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar);
- 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar);
- 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito;
- 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUÍ, 2011:379).

É uma agência especializada em saúde, subordinada a Organização das Nações Unidas, fundada em 7 de abril de 1948. Sua sede fica localizada em Genebra, Suíça. Teve origem nas guerras do fim do sec. XIX (México, Crimeia). Após a Primeira Guerra Mundial, a SDN criou seu *comitê de higiene*, que foi o embrião da OMS. Segundo sua constituição, a OMS tem por objetivo desenvolver ao máximo possível o nível de saúde de todos os povos.

Deste modo, a autora descreve outro viés pela qual a violência pode ser analisada, a relação entre violência e ética, pois acredita ser inadmissível que o humano, dotado de racionalidade e inteligência, seja tratado na categoria de “coisa”, ou nas condições de “irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos”. Tais tratamentos e relações coisificadas, são ato em si incoerente com a ética e as relações sociais. Em síntese, para Chauí (2008) “todas as vezes que violentamos outra pessoa, estamos lhe negando a condição de ser humano, de sujeito de direito, e estamos transformando-os em objetos, em coisas.” E prossegue:

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação e por isso localiza a violência em tudo quanto reduza um sujeito a condição de objeto. Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisas, isto é, como seres inertes, irracionais, destituídos de linguagem e de liberdade (CHAUÍ, 2008:308).

Dessa forma, Chauí faz um apelo para o retorno da ética nas relações sociais, pois ver nestas relações um eficiente mecanismo de enfrentamento da violência em suas múltiplas manifestações. Além disso, acredita-se não ser possível dizer ou fazer nenhuma afirmação se de fato somente ética em si tem condições de mudar todo o quadro vigente de violência, e certamente contribuiria muito para uma vida em sociedade menos conflituosa.

Tipos de violências

A maioria das literaturas recentes não se preocupa em tipificar a violência, contudo, Dalhberg e Krug (2007) buscaram argumentos que dividissem a violência em três tipos principais: autodirigida, interpessoal e coletiva. No primeiro tipo, autodirigida, os autores ainda subdividem em comportamento suicida e auto-abuso. Nesse tipo, estabelece-se a diferença entre a violência

que um indivíduo inflige a si mesmo da violência infligida por outro(s) indivíduo(s). Por outro lado, a violência interpessoal fica subdividida entre família/parceiro, ou seja, a violência que ocorrem dentro da família, e a violência sofrida por integrantes da comunidade, podendo ser conhecidos ou estranhos. E por fim, chega-se ao tipo de violência denominada de coletiva, a qual refere-se aos aspectos sociais, políticos e econômicos. Interessante observar que a princípio esses tipos soam diferentes, contudo a medida que haja um aprofundamento de suas análises consegue-se identificar especificidade que outrora não eram considerados muito menos analisados.

Natureza e outras formas de violência

A violência pode ser física (agressões e maus tratos), sexual (abuso sexual), psicológica (violência moral), privação ou abandono (descuido), e por fim, econômica (financeira). Algumas dessas formas por muito tempo foram consideradas tipo, porém segundo a OMS, estão classificadas como natureza da violência. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) as outras formas de violência são tráfico de pessoas, trabalho infantil, violência por intervenção legal e tortura. Que aqui serão apenas mencionados.

Inseridos neste contexto tem-se ainda os argumentos de Bonavides (2005) que ao citar Odália (1983) menciona mais três formas de violência, a saber: Violência social, Política e Revolucionária. A Violência Social identificada quando em certos atos que atingem seletivamente um segmento da população. Enquanto que a Violência Política caracteriza-se pelo assassinato de um político ou mesmo na invasão de um país por outro. E por fim, a violência revolucionária a qual pode ser uma expressão de um atentado individual ou contra um grupo. (BONAVIDES 2005:46-76)

Violência Urbana e suas Refrações no Espaço Escolar

Breve retrato da violência no Brasil

As literaturas que tratam sobre a violência e suas refrações, seja na sociedade ou nos espaços escolares, tendem a tratar a questão de forma fragmentada. Isto talvez seja fruto de uma visão equivocada que se tem sobre a violência e suas manifestações. A elevação da criminalidade está ligada a vários fatores como por exemplo, o não acesso aos direitos básicos sociais, tais como: à educação, saúde, trabalho, previdência social, lazer, segurança, proteção à maternidade, proteção à infância e assistências aos desamparados, ambos estabelecidas e garantidos por lei, através da Constituição Federal de 1988. A escola neste contexto, é tomada como espelho de negativo aos direitos básicos, e em consequência o cidadão busca outros mecanismos para resolver suas necessidades, fazendo, muitas vezes, uso de ações torpes e inescrupulosas, que resultam no aumento da violência.

De acordo com o Atlas da violência produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)² juntamente com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FCSP), os dados no Brasil não são nada animadores. São mais de 62.500 homicídios no ano de 2017, conforme apontou o Ministério da Saúde (MS). Tal dado demonstra uma média de 30,3 de caso de homicídios para aproximadamente 100 mil habitantes, isto é, uma média altíssima que comparada a da Europa que é três vezes menor. Além disso, o estudo afirma que “nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil”. E prosseguem:

Ao analisar a evolução dos homicídios no país na última década, verificamos uma enorme heterogeneidade entre as Unidades Federativas, em que se observaram variações nas taxas de -56,7%, como no caso de São Paulo, a +256,9%, como no Rio Grande do Norte. Os dados mostram como a situação é mais grave nos estados do Nordeste e Norte do país, onde se situam as sete UF's com maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes, sendo elas: Sergipe (64,7), Alagoas (54,2),

² É uma fundação pública federal vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Suas atividades de pesquisa fornecem suporte técnico e institucional às ações governamentais para a formulação e reformulação de políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros. Os trabalhos do Ipea são disponibilizados para a sociedade por meio de inúmeras e regulares publicações eletrônicas, impressas, e eventos.

Rio Grande do Norte (53,4), Pará (50,8), Amapá (48,7), Pernambuco (47,3) e Bahia (46,9) (IPEA, 2018:3).

Os dados do IPEA ainda demonstram outra preocupação, que é a violência entre os jovens, pois é nesta faixa etária que encontra-se a maioria significativa de homicídios. O homicídio entre os jovens de 15 a 19 anos correspondem a 56,5% do total, já na faixa etária de 15 a 29, houve um acréscimo de 30 vezes maior que da Europa. Ou seja, um total de 153 mortes por dia. E concluem: “A juventude perdida trata-se de um problema de primeira importância no caminho do desenvolvimento social do país e que vem aumentando numa velocidade maior nos estados do Norte”. (IPEA, 2018:4)

Théry (2018), trabalhando os dados de Cerqueira (2017) sobre violência, demonstra geograficamente com ela está distribuída entre as cidades e os estados brasileiros. Observa-se a concentração da violência nas grandes capitais, devido ao grande contingente populacional e também à dificuldade em atender toda população quanto aos direitos fundamentais.

Outra característica que percebemos é o maior número de casos de violência no litoral brasileiro, o que pode estar relacionado à quantidade de turistas que atraem mais criminosos visando vantagens financeiras. Théry (2018) ao retratar a distribuição da violência nos estados esclarece:

Por isso, para listar os municípios potencialmente mais e menos violentos do Brasil em 2015, o estudo considerou conjuntamente as mortes por agressão (homicídio) e as mortes violentas por causa indeterminada (MVCI): Altamira, no Pará, lidera então a relação dos municípios mais violentos, com uma taxa de homicídio somada a MVCI de 107. Em seguida, vêm Lauro de Freitas, na Bahia (97,7), Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe (96,4), São José de Ribamar, no Maranhão (96,4) e Simões Filho, também na Bahia (92,3). Ao todo, as regiões Norte e Nordeste somam 22 municípios no *ranking* dos 30 mais violentos em 2015 e entre os 30 mais pacíficos, 24 são municípios da região Sudeste. No entanto, os dois primeiros da lista ficam em Santa Catarina: Jaraguá do Sul (3,7) e Brusque (4,1). Em seguida, aparecem Americana (4,8) e Jaú (6,3), ambos em São Paulo, Araxá, em Minas Gerais (6,8), e Botucatu (7,2), também em São Paulo (TRERY, 2018:458).

Frente a estes fatos não há muitos o que diz principalmente se comparado aos dados mais recentes registrados pela IPEA no ano de 2018. Apenas reitera-se que a situação é caótica e que o Brasil precisa tomar algumas medidas emergências para melhorar e futuramente sanar este problema que tanto assola a população.

Alguns dados da violência no Estado no Tocantins

Abaixo podemos ver a tabela sobre a situação da violência no Estado do Tocantins (tabela 1).

Tabela1. Taxas de homicídios por área: 2000/2010. Fonte: Mapa da violência demonstrado por Waiselfisz, 2012.

Ano	Brasil	Tocantins	Palmas + RM	Interior
2000	26,7	15,5	21,8	14,6
2001	27,8	18,8	26,5	17,7
2002	28,5	14,9	20,5	14,1
2003	28,9	18,3	21,5	17,8
2004	27,0	16,4	21,3	15,5
2005	25,8	15,5	13,0	15,9
2006	26,3	17,7	13,6	18,5

2007	25,2	16,5	12,8	17,2
2008	26,4	18,1	18,5	18,1
2009	27,0	21,3	17,5	22,0
2010	26,2	22,5	22,3	22,5

Legenda: RM - região metropolitana.

Nela percebe-se a direção que os índices de criminalidade e violência está seguindo no Estado tocaninense. De acordo com a ilustração da imagem, Tocantins, assim como os demais estados da federação, está em total crescimento, infelizmente, neste quesito. Frente a isto, fica-se apenas com este dado aqui registrado através de tabela.

Violências dentro dos muros da escola

A escola como uma instituição inserida na sociedade não poderia ficar isenta ou mesmo sem ter e sofrer os reflexos da violência demonstrada anteriormente. Nela é possível ver a violência em todas as suas naturezas, isto é, física, sexual, psicológicas e até a negligência. Enfim, tornou-se um espaço onde verifica-se em menor ou maior grau, as manifestações da violência.

Há várias vertentes para definir o que seja violência escolar, mas para o momento fica-se com a definição de Priotto e Boneti (2009) que dizem:

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros. Violência escolar praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar (PRIOTTO e BONETI, 2009:163).

E seguem:

De fato, o caráter multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno. Um desses é distinguir o fenômeno violência escolar para que se possa estabelecer com clareza o papel dos educadores e da escola enquanto instituição na prevenção da violência (PRIOTTO e BONETI, 2009:16).

Partindo dessa definição cujo foco é analisar a violência na escola, podemos introduzir as ideias de Mirian Abramovay, que debate sobre o perigo em ir à escola. A pesquisadora demonstrar claramente uma indignação a respeito do trato do poder público com as instituições escolares, não somente com a instituição, mas principalmente com todos os profissionais que nela atuam. Para a autora todos sofrem com a violência no ambiente escolar, tanto o que praticam, quanto os que são violentados e os que a testemunham. Além de contribuir com a deformação da instituição tirando dela a imagem de lugar acolhedor e construtor de conhecimento. E afirma:

Adotou-se uma concepção de violência que incorpora as ideias de brutalidade, de utilização da força ou intimidação e também noções mais relacionadas com as dimensões socioculturais, a “microviolência” ou aquela violência que acontece no dia a dia das escolas. As diversas violências, utiliza-se no plural para mostrar os diferentes significados da violência e como afetam a ordem, a motivação, a satisfação e as expectativas de todos os que frequentam a escola, têm efeitos relacionados com a repetência, a evasão, o abandono escolar (ABRAMOVAY, 2015:7).

Em suas análises a autora busca identificar as possíveis causas de a violência ter chegado à escola, e uma delas é a realização de atividades que nem sempre é prazerosa e sobre este aspecto diz a autora:

É comum que, convivendo-se durante várias horas por dia e fazendo atividades, nem sempre prazerosas para todas as partes, algumas relações se tornem mais complicadas. Tal fato não é em si um problema, mas pode se tornar caso o conflito gere relações violentas. A escola é um local onde indivíduos são obrigados a conviver todos os dias, obedecendo a horários e a normas em comum (ABRAMOVAY, 2015:8).

Em outro momento de sua obra, Miriam Abramovay, identifica na escola um tipo de violência não mencionada nos dados anteriores, a “violência institucional” que para ela caracteriza-se quando há uma “mudança constante e a falta de professores, de diretores, de funcionários, além dos problemas de infraestrutura” de tal maneira que afetam as relações no interior da escola. Ao trazer este elemento novo na análise da violência é possível perceber mais uma faceta da violência que até o momento não tinha sido ainda mencionada. Com base nas ideias da autora existem alguns pontos válidos para discutir, principalmente quando muitos tentam culpar a escola de algo que ela não tem responsabilidade, de forma direta, e nesse sentido argumenta:

A escola não apenas reproduz as violências correntes na sociedade, mas produz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que se refletem no dia a dia. Assim, recusa-se a tese de que a instituição não reflete somente um estado de violência generalizado que teria origem fora dela. Se fosse dessa maneira se retira do sistema de ensino sua responsabilidade sobre o processo de produção e enfrentamento da violência (ABRAMOVAY, 2015:9).

No entanto, a autora chama a atenção para aquilo que denominou de “microviolência” que se manifesta através de agressões verbais, como xingamento, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de comunicação e discussões por motivos irrelevantes. Essas manifestações podem gerar problema mais intenso, que podem afetar significativamente a saúde dos profissionais e dos alunos ali envolvidos. Além disso, esses casos algumas vezes acabam se configurando como fato comum, e dessa forma não dado o devido tratamento. E acrescenta:

As agressões verbais sejam compreendidas como fatos menores, “comportamentos típicos de adolescentes e jovens”, elas têm um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos, e podem ser, como se analisará mais adiante, uma das portas de violências físicas. Assim, alunos se ofendem com palavrões, apelidos, difamação, insultos, ofensas. Quando se fala sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço escolar, fala-se, principalmente, nas brigas aluno-aluno, entretanto, não se pode esquecer que os membros do corpo técnico-pedagógico dos estabelecimentos de ensino também são potenciais vítimas e agressores (ABRAMOVAY, 2015:10).

A violência nas escolas do Tocantins

A realidade de Tocantins não se difere dos outros estados da federação. Nele também é possível observar que a escola tem um relevante percentual de manifestação de violência, chegando a registrar um total de 14%, como descrito no Mapa da violência de crianças e adolescentes no Estado do Tocantins entre os anos de 2015 e 2016. Isso demonstra que as instituições de ensino sofrem muito com a violência e o aumento dela. E isso é muito ruim, pois um local que deveria construir a formação profissional das pessoas, muitas vezes prejudica nessa formação e adoecem os atores envolvidos.

Considerações Finais

A compreensão da violência talvez seja o primeiro passo para o início de se pensar em ações de prevenção e combate. Entretanto, diante de uma diversidade de conceitos e ideias fica complicado identificar as causas para seu surgimento, uma vez que fatores sociais e econômicos podem influenciar.

E o que dizer da violência no âmbito educacional, especificamente, na escola? Nesta também observa-se inúmeras referências teóricas que ora completam-se ora divergem-se. Certo é que, há muito o que se debater, em alguns casos até exaustivamente, para que todos estes dados até aqui apresentados possa ser alterado e favoreça a construção de uma sociedade onde a democrática e a cidadania não seja opção, porém uma realidade.

Neste contexto da instituição educacional, acredita-se que a escola não tenha ligação direta com o aumento da criminalidade, contudo, tem as marcas dela em seus muros e na comunidade escolar. Ela (a escola) ver os atos criminosos violentos, por vezes de forma atônica, sem expressar ação ou mesmo reação alguma. Contudo, mesmo em passos lentos observa-se algumas medidas que gradativamente tentam alterar essa postura, substituição essa apatia em movimento dinâmico e criativo como precisa ser a escola. E assim sendo, conclui-se que a escola é apenas o reflexo da sociedade, logo se a sociedade está doente, dificilmente a escola nela não estará.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção a violência nas escolas**. Apresentação da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Brasília: SEPP/PR, 2015.

BONAVIDES, Syrleine Maria P. Bastos: **A auto-estima da criança que sofre violência física pela família**. 2005. 268 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Ética e Violência no Brasil. **Revista Bioethikos**: revista do Centro Universitário São Camilo, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 378-83. 2011.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**: revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 11 (Sup.), p.1663-78. 2007.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência um problema de saúde pública. In: KRUG, E. et al. (Eds.). **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Genebra: World report on violence and health, 2002. p. 1-19.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil**. Brasília 2018. Disponibilidade em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 20 fevereiro de 2019.

THÉRY, Hervé. Retratos da violência no Brasil. **Geosp – Espaço e Tempo**: revista de Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 457-465. 2018. Disponibilidade em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/133702>>. Acesso em: 20 fevereiro de 2019.

PAVIANI, Jayme. **Conceitos e formas de violência**. 2 ed. Caxias do Sul: Educ, 2016.

PRIOTTI, Elis P.; BONETI, Lindomar W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-79, jan.-abr. 2009.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil**. Apresentação

da Faculdade Latino-Americano de Ciências Sociais (FLACSO). Brasília: SEPPIR/PR, 2012.

Recebido em 24 de maio de 2019.

Aceito em 10 de junho de 2019.